

**VARIAÇÃO LEXICAL  
NA MESORREGIÃO SUDESTE DO PARÁ:  
UM OLHAR SOBRE OS DADOS  
DO ATLAS LÉXICO SONORO DO PARÁ – ALeSPA**

*Abdelhak Razky* (UFPA)

[arazky@gmail.com](mailto:arazky@gmail.com)

*Edson de Freitas Gomes* (UNIFESSPA)

[edsongomes@unifesspa.edu.br](mailto:edsongomes@unifesspa.edu.br)

*Regis José da Cunha Guedes* (UFPA)

[regisbspaz@gmail.com](mailto:regisbspaz@gmail.com)

**RESUMO**

No presente artigo foram mapeados e discutidos dados lexicais registrados na mesorregião Sudeste do Pará, comparando-se esses a outros dados do *Atlas Léxico Sonoro do Pará* (ALeSPA) e do *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB). A pesquisa é orientada pelos pressupostos da dialetologia pluridimensional (THUN, 1997) e o enfoque metodológico do projeto *Atlas Geossociolinguístico do Pará* (RAZKY, 1998). No recorte metodológico feito, foram considerados dados de fala de 22 informantes, estratificados por sexo e idade. O questionário semântico lexical aplicado contempla 14 campos semânticos. Os resultados apresentam a variação diatópica, diagenérica e diageracional dos itens lexicais “pernilongo” e “cambalhota” na região delimitada, e corroboram a hipótese da existência de agrupamentos lexicais (RAZKY & GUEDES, 2015), que marcam de forma notável a variação no léxico do português falado na zona rural do estado do Pará.

**Palavras-chave:** ALeSPA. Dialetologia. Geossociolinguística. Variação Lexical.

**1. Introdução**

A mesorregião Sudeste do estado do Pará compreende 39 municípios, dentre os quais, seis foram eleitos como pontos de inquérito para o mapeamento da variação lexical do português falado nessa área do estado, a partir do banco de dados do *Atlas Léxico Sonoro do Pará* (ALeSPA).

O povoamento da mesorregião Sudeste do Estado do Pará se deu mais intensamente somente a partir da implementação dos grandes projetos de mineração e do desenvolvimento da indústria agropecuária, especialmente a partir da década de 50 do século XX. A região do interfluxo dos rios Araguaia e Tocantins era tradicionalmente ocupada por povos indígenas diversos, falantes de línguas pertencentes aos troncos tupi-guarani e macro-jê e por colonos, esses últimos empenhados principalmente

na coleta e comercialização da castanha-do-pará e na extração de madeira, desde o período colonial.

O encontro de pessoas (suas culturas, línguas e falares) é característica marcante dessa região do estado, que está circunscrita pelos limites estaduais com o Maranhão, Tocantins e Mato Grosso. A partir da década de 50 do século passado, a região recebeu intenso processo migratório de pessoas oriundas desse e de outros estados brasileiros, atraídas por oportunidades de trabalho no garimpo, como em Serra Pelada, nas empresas mineradoras e nas fazendas, estas últimas que se multiplicaram vertiginosamente a partir da política de integração da região amazônica, implementada pelos governos militares no referido período. Em 2014, o IBGE estimou a população da mesorregião Sudeste do Pará em 1.819.301 habitantes.

Esse processo histórico e socioeconômico está representado na língua portuguesa falada na região. O *Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALiSPA* (RAZKY, 2004) demonstrou a configuração da variação fonética do português falado no estado do Pará, e, nesse contexto, registrou algumas particularidades fonéticas das mesorregiões Sudeste e Sudoeste do Estado, como a predominância da realização alveolar [s] na pronúncia da palavra “giz”, em oposição à palatal [ʃ], que predomina nas demais mesorregiões do Estado.

Estudos preliminares que mapearam os dados lexicais do projeto ALiPA<sup>238</sup> (*Atlas Geossociolinguístico do Pará*), como este que aqui se delineia, e outros, como o de Regis José da Cunha Guedes (2012) e Abdelhak Razky e Regis José da Cunha Guedes (2015), têm demonstrado a existência de agrupamentos lexicais diatópicos na variação do português falado na zona rural do estado do Pará. Nesses agrupamentos observados a partir do mapeamento de alguns itens lexicais do inventário, a mesorregião Sudeste destaca-se integrando um agrupamento lexical, hora sozinha e hora em conjunto com a mesorregião Sudoeste do Estado.

A hipótese levantada pelos autores é de que esses processos linguísticos refletem a realidade extralinguística dessas comunidades de fala. A inter-relação entre os fatos linguísticos e os fatos sociais, como o sexo, idade, escolaridade e também a história do povoamento de uma região têm sido objeto de estudos geolinguísticos como os de Aparecida

---

<sup>238</sup> Que compreende o ALiSPA (sobre dados fonéticos, publicado em 2004) e o ALiSPA (sobre dados lexicais, em fase de elaboração)

Negri Isquerdo e Daniela S. Silva Costa (2010) e Vanderci de Andrade Aguilera (2012). A consideração da variação da língua a partir do contexto sócio-histórico de seus falantes é pressuposto da dialetologia pluridimensional e relacional de Harald Thun (1997) e da abordagem geossociolinguística (RAZKY, 1998) adotada no ALeSPA. Por tanto, representar cartograficamente e discutir os indícios dessa relação entre fatores linguísticos e extralinguísticos nos falares rurais do português no estado do Pará foi nosso intento neste artigo.

## **2. Aspectos teórico-metodológicos**

No tratamento dos dados, foi adotado o aporte teórico-metodológico da geossociolinguística (RAZKY, 1998) e da dialetologia pluridimensional e relacional (THUN, 1997), sendo controladas as variáveis sociais: diagenérica (sexo) e diageracional (idade), além da dimensão diatópica (geográfica), o que resultou na produção de cartas linguísticas pluridimensionais.

Nas discussões das cartas linguísticas, deu-se ênfase à tendência surgida a partir do desenvolvimento dos estudos sociolinguísticos, na segunda metade do século XX, de se considerar a relação entre linguagem e realidade social, isto é, os fatores de ordem linguística e extralinguística que influenciam no fenômeno da variação.

Por muito tempo, os estudos dialetológicos restringiram o estudo da língua à dimensão geográfica, com destaque para o espaço rural, acreditando-se que, seus falantes conservavam a língua preservada em seu estado natural, livre das influências do meio urbano. (CALLOU, 2010)

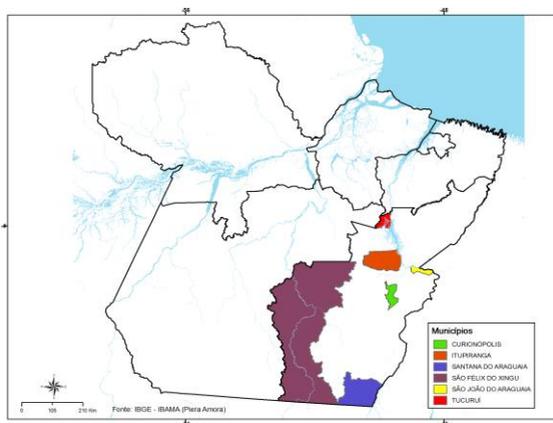
As pesquisas iniciadas por dialetólogos como Jules Gilliéron no final do século XIX, com base na geografia linguística, inauguraram uma nova fase nos estudos das línguas românicas em que a partir de pesquisas de campo seria possível conhecer a realidade linguística de determinada localidade, quebrando com a tradição dos estudos comparatistas, em que as fontes de pesquisas eram os textos escritos. (ILARI, 2008)

Porém, foi somente com o advento da sociolinguística nos anos 60 do século XX, que os estudos dialetológicos passaram a considerar o espaço urbano como *locus* de pesquisa, e os fatores sociais trouxeram novo alento para os estudos na área. (CARDOSO, 2010)

A pesquisa que aqui se delinea enquadra-se entre os estudos da

moderna dialetologia, pois leva em consideração as variáveis de ordem social: idade e sexo dos informantes, apesar de estar focada no ambiente rural. Essa escolha metodológica se deu pela configuração do estado do Pará, que é eminentemente rural, devido à sua grande extensão geográfica, e o baixo índice de ocupação *per capita*. Contudo, como consideram Regis José da Cunha Guedes e Abdelhak Razky (2012), os limites entre o rural e o urbano são relativos, estando relacionados a diversos fatores como a proximidade entre as moradias e a presença intensa do comércio e da indústria, por isso, é preferível compreender essa relação num “contínuo de fala” entre o rural e o urbano.

Para representar a variação lexical da língua portuguesa falada na mesorregião Sudeste do Estado do Pará, foram selecionados dados de seis municípios dentre os que compõem essa mesorregião, como uma amostra suficiente e capaz de representar o perfil da realidade linguística deste espaço geográfico. A metodologia do ALeSPA previu quatro informantes em cada ponto de inquérito selecionado: Itupiranga, Santana do Araguaia, São Félix do Xingu, São João do Araguaia, Tucuruí e Curionópolis<sup>239</sup>. A distribuição geográfica dos seis pontos de inquérito selecionados pode ser verificada na **Fig. 1**:



**Fig. 1: Pontos de Investigação Selecionados para a Pesquisa.**  
Fonte: IBGE – IBAMA (Piera Amora)

<sup>239</sup> Em Curionópolis foram entrevistados apenas os dois informantes pertencentes à primeira faixa etária, pois não se conseguiu informantes da segunda faixa etária que se enquadrassem no perfil requerido: nascidos na localidade, por razões ligadas à formação histórica do município, que é muito recente.

Os dados foram coletados a partir da aplicação de um questionário semântico-lexical, contendo 14 campos semânticos, através de entrevistas *in situ* com os 22 informantes. Foram produzidas 30 cartas lexicais<sup>240</sup>. Entre essas, foram selecionadas 2 para discussão neste artigo, que melhor representam a variação lexical na mesorregião Sudeste do Pará.

Em decorrência do fato de não se ter encontrado informantes da segunda faixa etária, no ponto 1 – Curionópolis, que se enquadrassem no perfil da pesquisa, quando se trabalhou nas cartas lexicais com dados referentes à variável extralinguística idade, tem-se a seguinte configuração: 12 informantes da primeira faixa etária e 10 informantes da segunda faixa etária; ao passo que, com os dados referentes à variável extralinguística sexo, tem-se o seguinte: 11 informantes do sexo masculino e 11 informantes do sexo feminino. Ao todo 22 informantes.

Na seção seguinte, apresentamos e discutimos as cartas lexicais selecionadas para representar a variação do léxico do português falado na mesorregião Sudeste do Estado do Pará.

### **3. Apresentação e discussão dos resultados**

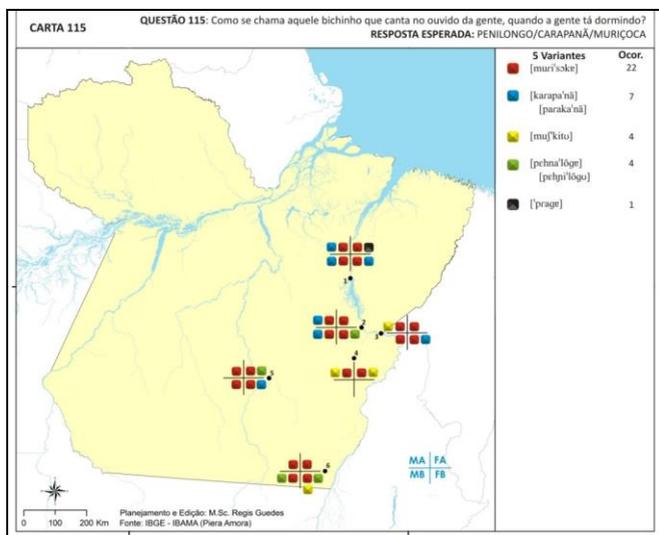
As discussões feitas a partir das cartas enfocam a variação geosociolinguística das lexias nos níveis diatópico, diagenérico e diageracional. Na sequência discutir-se-ão as cartas selecionadas, uma por vez, comparando-as a outros dados do ALeSPA (GUEDES, 2012) e do AliB. (ISQUERDO, 2010)

A carta 115 (**Fig. 2**), sobre a variação do item lexical “pernilongo” na mesorregião Sudeste do Pará, apresenta cinco variantes lexicais, com predominância da lexia “muriçoca” com 22 ocorrências, seguida da lexia “carapanã” com sete ocorrências.

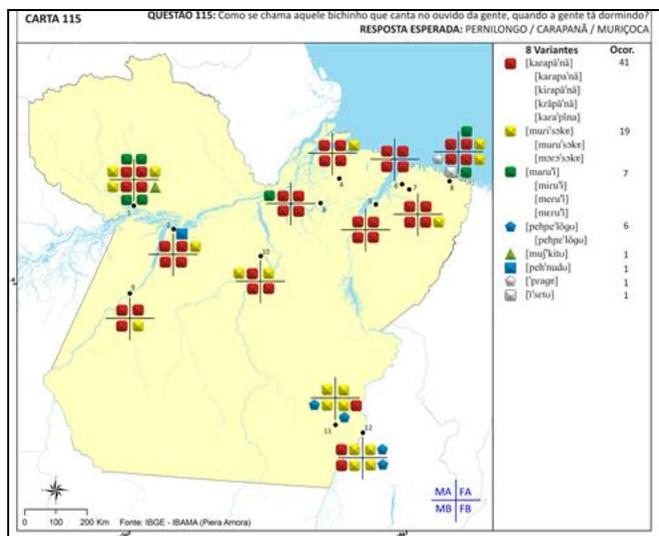
Ao analisar-se a distribuição diatópica da lexia “muriçoca” na mesorregião Sudeste do Pará, observou-se que todos os informantes dos seis pontos da pesquisa utilizam esta lexia - 100% de ocorrências - o que corrobora a afirmação de Regis José da Cunha Guedes (2012, p. 90), “[...] *muriçoca* ocorre em todas as mesorregiões do Estado, sendo essa, inclusive, a mais recorrente na mesorregião Sudeste do Estado do Pará”, como se pode observar na **Fig. 3**.

---

<sup>240</sup> Elaboradas e analisadas na dissertação de mestrado de Edson de Freitas Gomes (2013).



**Fig. 2:** Carta 115: Designações para Pernilongo no Sudeste Paraense. Fonte: Gomes (2013)



**Fig. 3:** Carta 002: Designações para Pernilongo no Pará. Fonte: Guedes (2012)

Verificou-se também na carta 115 (Fig. 2) que a recorrência da

lexia “carapanã”, a segunda mais falada pelos informantes, confirma também o que está registrado em Regis José da Cunha Guedes (2012) (Fig. 3), com maior número de ocorrências entre informantes do sexo masculino e da segunda faixa etária. Na mesorregião Sudeste do Pará (Fig. 2), no que diz respeito à dimensão diagenérica, a lexia “carapanã” registra 57% de ocorrências para o sexo masculino e 43% de ocorrências para o sexo feminino. Pela dimensão diageracional, verificou-se maior disparidade entre as faixas etárias, com 28% de ocorrências para a primeira faixa etária e 72% de ocorrências para a segunda faixa etária.

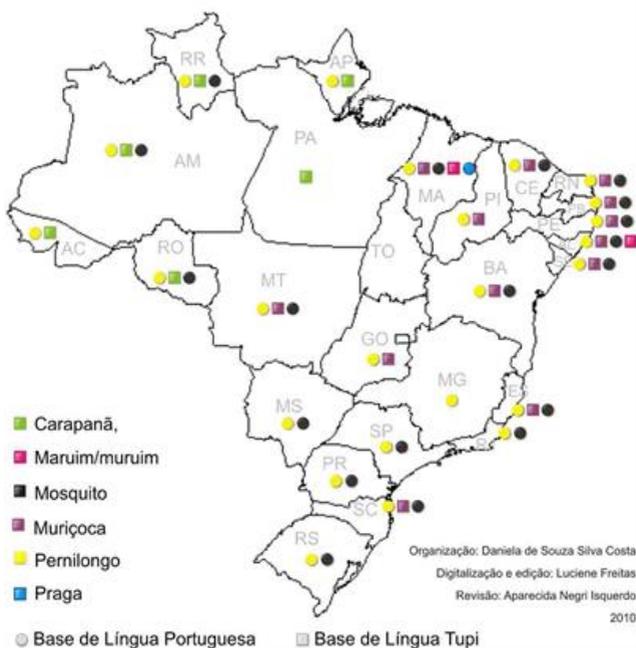
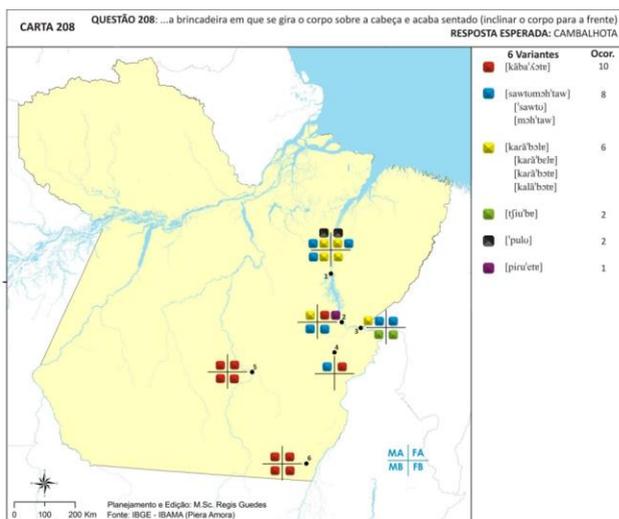


Fig. 4: Variantes Para “Pernilongo” – ALiB. Fonte: Isquierdo e Costa (2010).

Comparando-se os dados do ALeSPA aos do ALiB (nas capitais brasileiras), em estudo realizado por Aparecida Negri Isquierdo e Daniela S. Silva Costa (2010) (Fig. 4), sobre o mesmo item lexical, pode-se considerar que os dados do ALiB nas capitais brasileiras dão uma visão mais ampla da variação, demonstrando, por exemplo, que a variante “carapanã”, de matriz tupi-guarani, é característica não somente no Estado do Pará, mas de toda a região amazônica. Por outro lado, os dados do ALeSPA trazem uma visão mais específica sobre o fenômeno da varia-

ção deste item lexical no português falado no Pará, uma vez que demonstram a distribuição das diversas lexias registradas pelo território paraense. Nos dados do ALeSPA, cartografados por Regis José da Cunha Guedes (2102) (**Fig. 3**) e Edson de Freitas Gomes (2013) (**Fig. 2**), verifica-se a predominância da lexia “muriçoca”, de matriz tupi-guarani, na mesorregião Sudeste do Estado.

Nos dados do ALiB (**Fig. 4**) é possível constatar que a lexia “muriçoca” não ocorre nas capitais do Norte do Brasil, por outro lado é largamente utilizada em outras regiões brasileiras, como na Nordeste e na Centro Oeste. Assim, pode-se afirmar que os estudos realizados com dados do ALeSPA na mesorregião Sudeste do Pará retratam o processo histórico de ocupação dessa parte do território paraense, que recebeu intenso fluxo migratório advindo especialmente das regiões Nordeste e Centro Oeste do Brasil, a partir da segunda metade do século XX, como referenciamos anteriormente neste estudo.



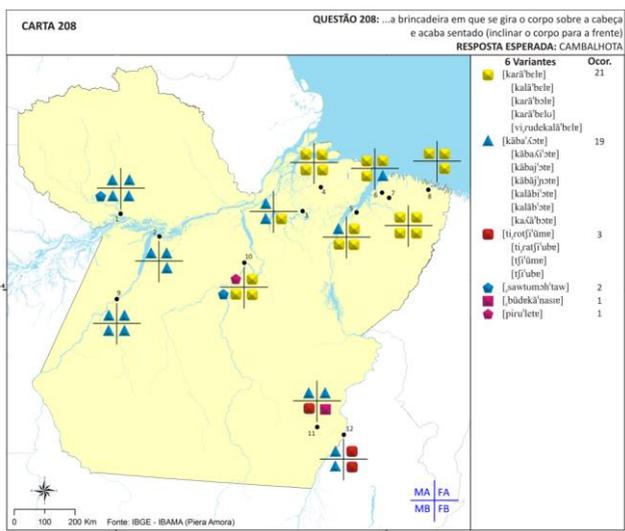
**Fig. 5: Carta 208: Designações para Cambalhota no Sudeste Paraense.**  
**Fonte: Gomes (2013)**

Analisando-se o item lexical “cambalhota” no Sudeste paraense, construiu-se a carta 208 (**Fig. 5**). Nela, destacam-se seis variantes lexicais, com maior incidência da lexia “cambalhota” (dez ocorrências), seguida pela expressão “salto mortal” (oito ocorrências) e “carambela” (seis ocorrências).

No que diz respeito às variáveis diagenérica e diageracional, verificou-se respectivamente, 40% de ocorrências de “cambalhota” para o sexo masculino e 60% de ocorrências para o sexo feminino; 50% de ocorrências para a primeira faixa etária e 40% de ocorrências para a segunda faixa etária. Observou-se que a maioria dos registros ocorre no sexo feminino e na primeira faixa etária.

Em relação ao controle das variáveis diagenérica e diageracional da lexia “salto mortal”, verificou-se, respectivamente: 62,5% de ocorrências para o sexo masculino, o mesmo valor foi registrado na primeira faixa etária; 37,5% de ocorrências para o sexo feminino e para a segunda faixa etária.

No que diz respeito às variáveis diagenérica e diageracional da lexia “carambela”, verificou-se: 66,6% de ocorrências para o sexo masculino e 33,4% de ocorrências para o sexo feminino; 67% de ocorrências para a primeira faixa etária e 33% de ocorrências para a segunda faixa etária.



**Fig. 6: Designações para Cambalhota no Pará. Fonte: Guedes (2012)**

Do ponto de vista diatópico, observou-se que “cambalhota” predomina mais ao sul da mesorregião Sudeste do Pará, ao contrário, da expressão “salto mortal” e da lexia “carambela” que predominam mais ao norte da mesorregião. Ao serem comparados aos dados dessa aos das

demais mesorregiões do estado do Pará (GUEDES, 2012) (**Fig. 6**), observou-se que eles se coadunam, pois a lexia “carambela” predomina nas mesorregiões Nordeste, Metropolitana de Belém e Marajó (pontos 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10), já na **Fig. 5** os registros de “carambela” se deram nos pontos mais limítrofes com essas mesorregiões (1, 2 e 3), constituindo-se assim na continuidade desse agrupamento lexical diatópico.

Existem ainda três outros agrupamentos lexicais observáveis se compararmos os dados cartografados nas duas cartas (Figuras 5 e 6). O primeiro em ordem de frequência é o da lexia “cambalhota”, que na **Fig. 5** compreende os pontos 2, 5 e 6, e na **Fig. 6** observa-se nos pontos 1, 2, 3, 5, 6, 9, 11 e 12, abarcando, portanto, as mesorregiões Sudoeste e Sudeste do estado do Pará, com poucos registros no Marajó e Nordeste do Estado.

Outros dois agrupamentos lexicais observáveis referem-se às lexis “salto mortal” e “tiúba”, ambos presentes na mesorregião Sudeste do Pará. Somente “salto mortal” apresenta uma ocorrência na mesorregião Sudoeste (ponto 10 da **Fig. 6**).

#### **4. Considerações finais**

Os resultados deste estudo comparativo entre os dados do ALeS-PA mapeados por Edson de Freitas Gomes (2013) e Regis José da Cunha Guedes (2012), apresentados parcialmente por meio das cartas lexicais analisadas, nos levaram a concluir que a mesorregião Sudeste Paraense possui características semântico-lexicais que lhe dão certa peculiaridade em relação às demais mesorregiões do Estado do Pará, caracterizando-a como zona de migração, resultado de um processo histórico de ocupação do espaço local, que fez com que esta mesorregião recebesse influências no léxico, que a fizeram assumir uma nova dinâmica no que diz respeito ao português falado, distanciando-se parcialmente do restante do Estado, que, na maior parte das mesorregiões, mantém um léxico resultante do período das ocupações coloniais do Brasil, acrescido das línguas indígenas faladas pelas populações originárias do território amazônico.

Por outro lado, os estudos de Regis José da Cunha Guedes (2012) e Edson de Freitas Gomes (2013) se complementam no sentido de corroborar a hipótese da existência de agrupamentos lexicais de ordem diatópica no português falado na zona rural do estado do Pará, como assinalamos nas análises das cartas sobre os itens lexicais “pernilongo” e

“cambalhota”.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade; ALTINO, Fabiane Cristina. Para um atlas pluridimensional: pesquisas e pesquisadores. *Revista Alfa*. São Paulo, vol. 56, n. 3, p. 871-889, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/alfa/v56n3/a07v56n3.pdf>>. Acesso em: 13-07-2016.

CALLOU, Dinah. Quando dialetologia e sociolinguística se encontram. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 41, p. 29-48. jan./jun. 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

GOMES, Edson de Freitas. *Variação lexical em seis municípios da mesorregião sudeste do Pará*. 2013. Dissertação (de Mestrado). – Instituto de Letras e Comunicação. Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

GUEDES, Regis José da Cunha. *Estudo Geossociolinguístico da variação lexical na zona rural do estado do Pará*. 2012. Dissertação (de Mestrado). – Instituto de Letras e Comunicação. Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

ILARI, Rodolfo. *Linguística românica*. São Paulo: Ática. 2008.

ISQUERDO, Aparecida Negri; COSTA, Daniela S. Silva. Designações para “pernilongo” nas capitais brasileiras: um estudo geolinguístico e léxico-semântico. *Revista Travessias*. n. 10. Paraná: Unieste, 2010. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/travessias/linguagem/designa%20pernilongo.pdf>>. Acesso em: 15-07-2016.

RAZKY, Abdelhak. O Atlas geossociolinguístico do Pará: Abordagem metodológica. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. (Org.). *A Geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL, 1998.

\_\_\_\_\_. *Atlas linguístico sonoro do estado do Pará* (ALiSPA 1.1). Belém: [s/ed.], 2004. (CD-ROM).

\_\_\_\_\_. Atlas linguístico sonoro do Pará: uma nova perspectiva para a organização de *corpus* geolinguístico. In: AGUILERA, Vanderci de An-

drade (Org.). *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2005.

\_\_\_\_\_; GUEDES, Regis José da Cunha. Le continuum des regroupements lexicaux dans l'atlas géosociolinguistique du Pará. *Revista Géolinguistique*, n. 15-2015. Centre de Dialectologie. GIPSA-lab – Univ. Grenoble Alpes, 2015. Disponível em: <<http://ellug.u-grenoble3.fr/fr/publications>>

THUN, Harald. A dialetologia pluridimensional no Rio do Prata. Porto Alegre: UFRGS, 1997. In: ZILLES, Ana Maria Stahl (Org.). *Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 2005, p. 63-92.

\_\_\_\_\_. La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: RUFFENO, Giovanni. *International Congress of Romance Linguistics and Philology*. Tübingen: Niemeyer, 1998.